

A nighttime photograph of a street in the Liberdade neighborhood of São Paulo, Brazil. The scene is dominated by the warm, yellow glow of numerous streetlights, which are arranged in a receding line down the street, creating a strong sense of perspective. The lights are mounted on dark poles, and the background is a deep, dark blue-black, suggesting a clear night sky. The overall mood is quiet and atmospheric.

2009

O vazio da união das culturas nipo-brasileira:  
**projeto no Bairro da Liberdade/SP**

Sheila Cristina Kajiwara

Orientadores:  
Adalberto da Silva Retto Jr.  
Norma R. T. Constantino

**O vazio da união das culturas nipo-brasileira:  
projeto no Bairro da Liberdade/SP**

Sheila Cristina Kajiwara

**Trabalho Final de Graduação** apresentado a  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
UNESP - Campus Bauru desenvolvida em 2009 sob orientação dos  
Professores Adalberto da Silva Retto Jr e Norma R. T. Constantino

**O vazio da união das culturas nipo-brasileira:  
projeto no Bairro da Liberdade/SP**

Sheila Cristina Kajiwara

---

**Orientador: Adalberto da Silva Retto Junior.**

Professor de Projeto Urbano e História do Urbanismo na FAAC - UNESP  
Campus de Bauru. Arquiteto formado pela FAU-PUC-Campinas,  
doutor pela FAU-USP / Instituto Universitario di Architettura di Venezia.

---

**Co-Orientadora: Norma Regina Truppel Constantino.**

Professora de Projeto de Paisagismo na FAAC – UNESP Campus de Bauru.  
Arquiteta formada pela Universidade Federal do Pará, doutora pela FAU-USP.

Dedico ao meu pai que sempre me ensinou que é com muito trabalho que alcançamos o sucesso, a minha mãe que sempre esteve pronta a ouvir e dar conselhos de uma maneira muito carinhosa, ao meu irmão que nunca mediu esforços para me ajudar, a minha irmãzinha que admiro pela tamanha garra que possui e ao meu namorado pelo amor incondicional

## Agradecimentos

Aos professores Adalberto da Silva Retto Junior, Norma R.T. Constantino, Marta Enokibara e Kelly Cristina Magalhães, que durante a graduação fizeram parte do meu crescimento em projetos, pesquisas e acima de tudo pela amizade.

As queridas Monica Yosioka e Marília Caetano, que sempre me apoiaram em todos os sentidos.

Aos amigos Danilo Horita, Marcos Nakao e Adriano Okamoto, que me proporcionaram diversos momentos que me encheram de energia.

Ao Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH-SP), especialmente a Celso Ohno e Denise Inamoto, por dividir um pouco de seus conhecimentos sobre minha área de trabalho. Também a Leon Yajima, Érico Cerone, Luciana Romão e Giorgia Gatti pelas conversas, discussões e contribuições.

Karla Biernath, Rafael Félix, Maurício Yanata, Monica Nakatani, Camila Rosa, Anderson de Almeida, Carolina Uehara, Américo Miyaura, Ligia Perassoli, Hugo Serra que estiveram ao meu lado em algum momento da minha trajetória.

A Guilherme Mizushima pelas críticas construtivas e pelo imenso companheirismo.

## Sumário

Resumo .....	08
Abstract .....	09

### INTRODUÇÃO

1. TEMA .....	11
1.1. Objetivos .....	11
1.2. Problemática .....	12
1.3. Justificativa .....	12
1.4. Metodologia .....	13

### PARTE I - CONCEITUAÇÃO

1. O ESPAÇO URBANO JAPONÊS .....	16
1.1. A Composição do Espaço .....	16
1.2. “Ku” - Vazio .....	17
1.3. “Oku” - Profundidade .....	18
1.4. “Ma” - Intervalo .....	18
Leituras do Japão .....	20
2. ÁREA DE ESTUDO .....	21
2.1. Delimitação .....	21
Contexto Urbano .....	23
3. ESTRUTURAÇÃO URBANA DO BAIRRO DA LIBERDADE .....	24
3.1. Expansão da Malha Urbana .....	24
Estruturação da Malha Urbana .....	24

3.2. Avenidas .....	29
3.3. Praças .....	32
4. O IMIGRANTE JAPONÊS .....	35
4.1. A Desilusão .....	35
4.2. Pós - Guerra .....	36
5. LIBERDADE - BAIRRO ORIENTAL .....	38
<b>PARTE I - PROPOSTA</b>	
1. ESTUDOS .....	40
1.1. Área .....	40
Fotos do local .....	41
Imagem com o uso do solo e gabaritos .....	43
2. DESENHOS .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>

## RESUMO

O trabalho tem por objetivo um projeto arquitetônico no Bairro da Liberdade, em São Paulo, a partir de análises da difusão da cultura japonesa no Brasil. Dentro desta temática, o trabalho aborda o espaço urbano japonês e a busca de uma identidade pelos imigrantes japoneses, além das problemáticas que o bairro apresenta. O projeto arquitetônico se justifica pela necessidade de espaços de descanso, encontros e áreas verdes, onde as pessoas possam se afastar um pouco do ritmo acelerado que o bairro possui. A fonte de pesquisa consiste em referências bibliográficas, análises de outros projetos, averiguação da vivência do espaço urbano e a mais rica fonte de contribuição que foram as memórias do morar no Japão durante oito meses. O resultado esperado é a visualização do projeto através de croquis, experimentações e desenhos artísticos para o local escolhido.

**Palavras-chave:** imigração japonesa, identidade, valores culturais



## **ABSTRACT**

The work aims at an architectural project in the neighborhood of Liberdade in Sao Paulo, from analysis of the spread of Japanese culture in Brazil. Within this theme, the paper focuses on the Japanese urban space and the search for an identity of the Japanese, besides the problems that the neighborhood has. The architectural design is justified by the need for spaces of rest, meetings and green areas, where people can get away a bit of pace that the neighborhood has. The source of this research is based on bibliographic references, reviews of other projects, investigating the experience of urban space and the richest source of contributions that were the memories of living in Japan for eight months. The expected result is the visualization of the project through sketches, experiments and artistic designs for the chosen location.

**Keywords:** Japanese immigration, identity, cultural values

## INTRODUÇÃO



Um centenário se passou desde a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, e durante este período eles construíram uma nova maneira de viver. Os costumes, o idioma, a culinária, os valores e o entendimento de espaço e arquitetura eram completamente diferentes da cultura aqui encontrada. Assim uma nova identidade surgiu, que não é aparentemente japonesa, nem brasileira. É a cultura nipo-brasileira, termo utilizado pelos estudiosos quando se trata dos imigrantes japoneses. (1)

Os primeiros imigrantes japoneses desembarcaram no porto de Santos e foram, em sua maioria, para as lavouras de café no intuito de substituir a mão-de-obra italiana pela japonesa. Devido às péssimas condições, muitos deles migraram para cidade, onde iniciaram suas atividades no cenário urbano. E foi no bairro da Liberdade em São Paulo que uma grande quantidade se instalou e aos poucos trouxeram um pouco da cultura oriental no cotidiano do bairro. Porém durante a pós-Segunda Guerra Mundial eles foram repreendidos por manter a cultura do país oponente. Mesmo assim, algumas características culturais já estavam enraizadas na cultura brasileira. E atualmente o bairro da Liberdade é o bairro—símbolo da cultura japonesa.

O cenário do bairro é de velocidade: as pessoas passam com seus carros em estreitas entradas escuras para estacionar, fazem as mais diversificadas compras – importados, cosméticos, utensílios, etc.; fazem a refeição rapidamen-

(1) OLIVEIRA, Adriana Capuano de. Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão? A trajetória de uma identidade em um contexto migratório.

te e logo chega a hora de ir embora. O bairro se tornou apenas um lugar de consumo?

A proposta do projeto arquitetônico é da pausa, de permitir o descanso, da reflexão tanto da rica história do bairro da Liberdade como a dos imigrantes japoneses.

## **1 TEMA**

O vazio entre a união das culturas nipo – brasileira.

### **1.1 OBJETIVOS**

#### **1.1.1 Objetivo Geral**

O objetivo é o desenvolvimento de um projeto arquitetônico em terrenos existentes no Bairro da Liberdade, que consistirá em propostas que contemplem atividades culturais, comerciais e estacionamento.

#### **1.1.2 Objetivos Específicos**

a) Analisar as diferenças na composição do espaço urbano japonês e brasileiro;

- b) Apresentar as dificuldades e a formação de uma nova identidade cultural dos imigrantes japoneses;
- c) Explicar conceitualmente o projeto arquitetônico;
- d) Fazer croquis de propostas para as áreas verdes e estudos prevendo o conforto ambiental;

## **1.2 PROBLEMÁTICA**

Mesmo com o grande adensamento na região central da cidade de São Paulo, através de estudos é possível constatar, através de estudos, áreas subutilizadas e outras áreas super condensadas. Assim, o problema está em como o projeto arquitetônico pode responder a algumas necessidades de um bairro que carrega o símbolo do imigrante japonês.

## **1.3 JUSTIFICATIVA**

A relação dos japoneses com o Bairro da Liberdade em São Paulo ocorre desde 1912, quando os primeiros imigrantes se instalaram no bairro a procura de novas oportunidades. Apostaram no comércio e hoje há uma variedade de produtos que não se restringem mais a origem japonesa, há importados chineses, coreanos entre outros. Laís de Barros Monteiro Guimarães descreve:

“O antigo e a tradição nacional se diluem na medida em que mais orientais se instalam no bairro, numa total confusão de cores, estilos e linguagem, que constitui a atual cenografia urbana do Bairro da Liberdade, que ainda como ontem, apresenta os mesmos quarteirões compridos de outrora, os mesmos becos sombrios, as mesmas vilas de casas sem nenhum relevado e de parco arvoredo, hoje habitadas por uma comunidade de falar e gostos estranhos, de hábitos tão diferenciados dos que ali imperavam antigamente.”

Atualmente a região apresenta algumas problemáticas como: falta de áreas verdes, áreas de descanso, problemas na configuração dos estacionamentos, além da imposição de um novo projeto urbanístico para a região.

Assim, a proposta vem no intuito de fazer com que as pessoas que lá estiverem possam usufruir melhor o espaço contemplando o entrelaçamento das culturas nipo-brasileira.

## **1.4 METODOLOGIA**

Este trabalho será desenvolvido em três segmentos: a revisão bibliográfica, a análise das transformações e o desenvolvimento do projeto.

Na revisão bibliográfica, será tratada o modo de organização cultural, arquitetônico e do espaço urbano japonês em primeiro momento como uma base de estudo. A história do Bairro da Liberdade é o pano de fundo para o entendi-

mento dos valores na região.

A iconografia do bairro, isto é, a escrita de imagens, foi de extrema importância para compreender a apropriação do Bairro da Liberdade.

Posteriormente, estudos tridimensionais e croquis a mão livre foram importantes para a visualização do projeto na área estudada.

**PARTE I** ████████  
**CONCEITUAÇÃO**





# 1 O ESPAÇO URBANO JAPONÊS



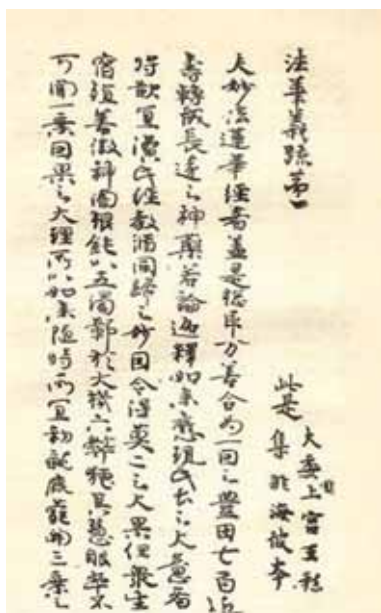
## 1.1 A COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO

Primeiramente devemos considerar que os países orientais se comparados com os países ocidentais tiveram diferentes princípios na composição do espaço. E no caso japonês este fato foi intensificado por ser uma ilha que ficou praticamente isolada até a Era Meiji (1868-1912), época que marcou a modernização pelo aprendizado com os países ocidentais, o fim do feudalismo e o estabelecimento de províncias.

Ao desenhar, seja em nossos pensamentos como com o grafite, existe a linha reta como início de uma idéia espacial. Já os japoneses visualizam a linha curva, que os leva ao desenho, como uma variação da linha reta. E a multidirecionalidade está presente na compreensão dos ideogramas japoneses que não estão restritos à leitura da esquerda para direita, pois os ideogramas japoneses possibilitam uma leitura independente ou em grupo (NEIVA, Simone Loures Gonçalves; RIGHI, Roberto. 2008).

“O Japão apropriadamente absolutamente ignora o conceito do eixo arquitetônico, isto é, a linha reta existe apenas em nossas mentes.” (TAUT, Bruno)

Para Botond Bognar “a forma de organizar o espaço reflete os princípios de uma cultura, como o Japão a relação entre o campo visual amplo de texto e a cidade que não possui um só centro e traduz a ambigüidade entre os elementos urbanos”.



**Figura 1 – A Escrita Japonesa**  
**Fonte:** NEIVA, Simone Loures Gonçalves; RIGHI, Roberto. A cultura e o espaço urbano no Japão. Texto especial 482 – Agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp482.asp>>. Acessado em 19 de março de 2009.



## 1.2 KU - VAZIO



A idéia de vazio sempre esteve relacionada com a cultura japonesa, na escrita ela se apresenta em alguns ideogramas onde o movimento do traçado não aparece em sua totalidade, ele se apresenta em pequenos rastros indicando o caminho da escrita, criando uma “dimensão oculta”. Diferentemente dos ocidentais que compreendem somente as palavras que estão registradas no papel.

E é na capital do Japão, conforme o sociólogo Roland Barthes descreve, que o vazio (“ku”) merece destaque:

“O centro vazio de Tóquio fere o sentimento ocidental de cidade, onde é requisitado um centro aonde ir, retornar, um lugar com o qual se sonha o lugar que se avança ou retarda em relação a ele. No ocidente, os centros são sempre cheios, neles estão condensados os valores da civilização ocidental: o mercado, a igreja, o poder, os bancos e as praças. Mas Tóquio oferece um paradoxo. A cidade vive indiferente a ele, ele está entre as folhas, escondido, não visível. O fluxo da cidade contorna ao seu redor, os muros, as ruas, os carros, as pessoas giram centrifugamente, perpetuamente ao redor do vazio central.”



**Figura 2 – O vazio central de Tóquio (“ku”)**

**Fonte:** NEFS, Merten. Medo do vazio. Projetos urbanos – propostas para vazios urbanos. Disponível em: <<http://www.projetosurbanos.com.br/2008/09/21/medo-do-vazio/>>. Acessado em 3 de junho de 2009.

No Japão a materialidade não é tão importante quanto o vazio que caracteriza a composição espacial. (NEIVA, Simone Loures Gonçalves; RIGHI, Roberto. A cultura e o espaço urbano no Japão)

### 1.3 OKU - PROFUNDIDADE

A população japonesa viveu nas montanhas até o início da Era Yayoi (200d.C. – 250d.C.) quando houve um deslocamento para as planícies visando o cultivo de arroz. Assim as montanhas se tornaram um espaço sagrado, onde estão os santuários, templos e residências dos antigos samurais.

Com o passar do tempo, houve uma sobreposição de camadas voltadas para as áreas verdes da montanha formando o tecido urbano do “oku”. Para os arquitetos Neiva e Righi: “As camadas que se formam no tempo, envolvem, escondem, protegem, dão profundidade e criam mistério em torno do vazio.”

No “oku” não há a busca de destaques como referência da cidade como o urbanismo ocidental.



Figura 3 – Vista para o Castelo de Komaki – o tecido urbano remete a vegetação da montanha.

Fonte: autora

### 1.4 MA - INTERVALO

O “ma” tem como característica a imaterialidade. Nas artes, o ma se apresenta pela harmonia dos componentes do desenho e no manuseio com as áreas vazias. Antigamente, os mestres construtores japoneses não desenhavam fachadas e cortes, o desenho era bidimensional; era através das colunas e vigas que eles tinham a capacidade de visualização do restante da obra.

A emakimono ou “rolo de pintura” caracteriza a imaterialidade do “ma”,<sup>18</sup>

pois ele consiste em uma sucessão de eventos onde os acontecimentos não seguem uma ordem cronológica, as cenas pintadas são independentes. E em relação ao espaço urbano japonês a experiência é parecida com a emakimono.

## LEITURAS DO JAPÃO



A busca por eixos importantes da cidade, faz com que nos perdemos pelas cada vez mais pelas estreitas ruas japonesas.



As vias se perdem entre as árvores, pequenos espaços verdes.



O contorno das construções desenham o percurso.

## 2 ÁREA DE ESTUDO

### 2.1 DELIMITAÇÃO



**Figura 4 – Área correspondente a Subprefeitura da Sé**

Fonte: Wikipédia – Liberdade (Distrito de São Paulo). Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Liberdade.png>> (Editado). Acessado em 28 de Março de 2009.

A área da Liberdade a ser estudada está em partes no Bairro da Sé conforme a divisão da Subprefeitura da Sé, isto devido à influência dos japoneses na área delimitada ser expressiva. Conforme o IGEPAC-SP (Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural de São Paulo) a área da Liberdade tem uma grande importância no contexto da cidade. Onde se pode destacar: as sucessivas fases de urbanização, os resultados urbanísticos decorrentes dos grandes alargamentos e aberturas para avenidas, além de alguns edifícios históricos que até hoje se mantém.

O Distrito da Liberdade faz parte da Subprefeitura da Sé, assim como os seguintes distritos: Bela Vista, Bom Retiro, Cambuci, Consolação, República, Santa Cecília e Sé.



**Figura 5 – Divisões dos Distritos da Subprefeitura da Sé**

Fonte: [http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/subprefeituras/spse/mapas/0001/sub\\_9\\_se.gif](http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/subprefeituras/spse/mapas/0001/sub_9_se.gif). Acessado em 29 de Março de 2009.



### **Distrito da Sé**

Área: 2,1 km<sup>2</sup>  
População: 20.115 hab.  
Densidade: 9.579 hab./km<sup>2</sup>  
Renda Média: R\$ 978,31  
IDH: 0,858 - elevado

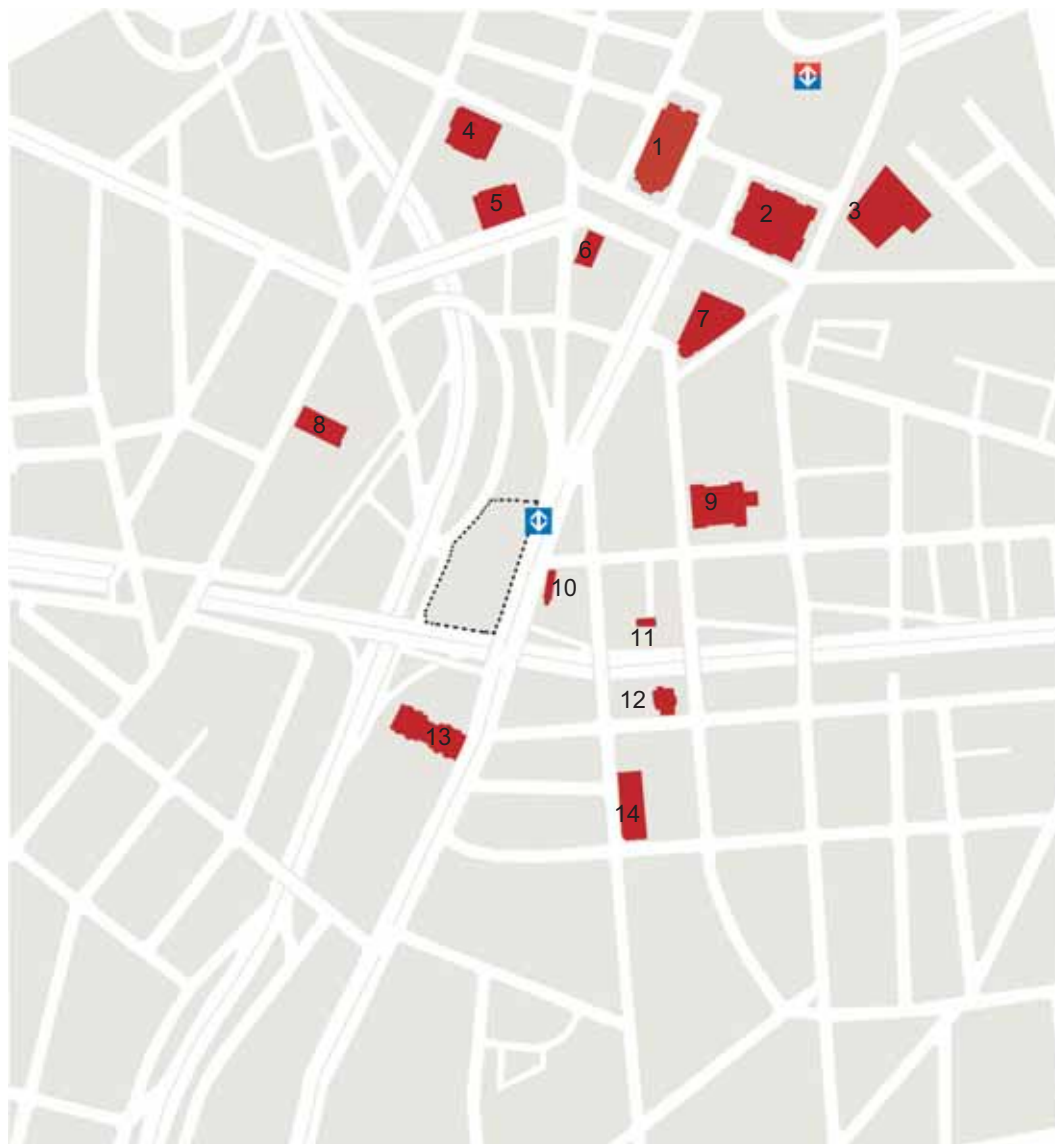
### **Distrito da Liberdade**

Área: 3,7 km<sup>2</sup>  
População: 61.875 hab. (2000)  
Densidade: 16.723 hab./km<sup>2</sup>  
Renda Média: R\$ 2.333,84  
IDH: 0,936 - elevado

Dados de 2000.

### **Figura 6 – Subprefeitura da Sé e Liberdade**

Fonte: Mapa Base - Subprefeituras da Sé/SE e da Móoca/MO. Prefeitura da Cidade de São Paulo - Secretaria do Planejamento (modificado). Acessado em 29 de Março de 2009.



## CONTEXTO URBANO

### Legenda

1. Catedral da Sé
2. Palácio da Justiça
3. Corpo de Bombeiros
4. Secretaria de Energia e Saneamento
5. Fórum Criminal
6. Igreja de São Gonçalo
7. Fórum Dr. João Mendes Jr.
8. Centro de Artes Paramount
9. Colégio São José
10. Igreja de Santa Cruz dos Enforcados
11. Igreja de Nossa Senhora dos Aflitos
12. Secretaria de Segurança Pública
13. Faculdade Alvares Penteadó
14. Hospital Bandeirantes



Área de Intervenção



Linha Azul (Norte-Sul)  
Metrô Liberdade



Estação de Integração  
Linha Azul (Norte-Sul) com a  
Linha Vermelha (Leste-Oeste)  
Metrô Sé

0 50 120 180 240 300m



### 3 A ESTRUTURAÇÃO URBANA DO BAIRRO DA LIBERDADE



**Figura 7 – Capela dos Aflitos**  
Fonte: Herman Graeser/Sphan, 1939.  
Disponível em: <<http://www.fotoplus.com/dph/info03/index.html>>. Acessado em 4 de Junho de 2009.



**Figura 8 – Capela dos Aflitos - 2007**  
Fonte: Flanela Paulistana. Disponível em: <<http://flanelapaulistana.com/?p=927>>. Acessado em 4 de Junho de 2009.

#### 3.1 EXPANSÃO DA MALHA URBANA

Entre 1554 a 1854, São Paulo se limitava aos limites geográficos, suas ruas eram tortuosas e estreitas. Do núcleo urbano partiam dois caminhos que levavam às aldeias indígenas e a outras vilas que faziam atividades comerciais com o centro urbano; estes dois caminhos eram: o Caminho do Mar e o Caminho para o Ibirapuera.

O primeiro cemitério aberto ao público em São Paulo foi construído no Bairro da Liberdade entre as Ruas da Glória e Galvão Bueno, fundada em 1779, recebeu sepultamentos até 1858 quando foi aberto o Cemitério da Consolação. A capela do cemitério no Beco dos Aflitos foi construída em 1774 e atualmente é um dos exemplares da arquitetura eclesiástica do período colonial.

No Largo da Liberdade, até 1861, havia uma torneira pública que fornecia água para toda redondeza. Tanques e torneiras eram comuns na região central da cidade, mas sempre necessitavam de manutenção devido vandalismo.

Devido o Código de Posturas de 1875, as casas paulistas deixam de ter os grandes beirais e as paredes de taipa de pilão.

Em 1889, o bairro já se apresentava regularmente urbanizado. Na planta de Jules Martin de 1890 mostra ainda um vazio entre a Rua Santo Amaro e a Rua



Liberdade, mas já interligada pela Rua Pedroso. Neste vazio entre as duas ruas haviam chácaras dispersas e caminhos esburacados no meio de um matagal que eram percorridos por carros de bois. Nesta época, foi implantada a iluminação pública da Avenida Liberdade até Vila Mariana. Atividades comerciais no bairro eram raras, residências térreas e alinhadas junto com uma intensa arborização formavam o cenário do Bairro da época.



**Figura 10 – Capela de Santa Cruz dos Enforcados - 2007**

Fonte: BARROS, Fabio. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/110321827>>. Acessado em 5 de Outubro de 2009.



**Figura 9 – Planta da capital do Estado de São Paulo e seus arredores desenhada e publicada por Jules Martin em 1890 – Editada.**

Fonte: Arquivo Histórico Municipal. Disponível em: <http://www.fotoplus.com/dph/info20/i-1890.htm>. Acessado em 12 de Maio de 2009.

Em 1891, conforme documentações, foi construída a Capela de Santa Cruz dos Enforcados, também conhecida como Capela dos Aflitos, em homenagem as execuções que ocorreram na praça (atual praça da Liberdade) a frente da igreja. No local, uma grande quantidade de pessoas acendiam velas pela libertação daqueles que eram enforcados. Atualmente, há uma procura por aqueles que possuem dívida financeira.

No início do século XX, a Câmara Municipal promulgou várias leis que ajudaram no processo de urbanização do local, entre elas estavam o alargamento da Rua da Liberdade (Lei nº 520, de 11/6/1901 e Lei nº 594, de 6/8/1902 e Lei nº

725, de 26/03/1904), desapropriações de imóveis para fins de interesse público, melhoramentos em largos e praças (Lei nº 723, de 26/03/1904 e Lei nº 745, de 01/06/1904), ligações de ruas inter-bairros (Lei nº 752, de 08/07/1904) e calçamento de ruas.

Até o Ato de 1905, o bairro da Liberdade fazia parte das terras delimitadas pelo Distrito Sul da Sé, e a partir deste Ato, o qual visava à formação de bairros da zona sul, formou-se o Distrito da Liberdade.

Na primeira década do século XX, conforme os dados do Anuário Estatístico de São Paulo, a quantidade de imigrantes italianos era evidente na região e estes trabalhavam no ramo comercial ou em indústrias. Seguidos dos italianos vieram os portugueses e os orientais, estas imigrações trouxeram grandes transformações ao Bairro, foram instalados comércio varejista, hotéis, restaurantes nas principais vias de acesso ao Bairro. A partir do ano de 1920, houve o processo de encortiçamento nos casarões tradicionais, quando era impossível para a família proprietária fazer a manutenção.



**Figura 11 – Recorte do Mapa Topográfico de 1930 (SARA-Brasil)**

Fonte: PASSOS, Maria Lúcia Perrone; EMÍDIO, Teresa. Desenhando São Paulo –Mapas e Literatura –1877-1954.

Através do Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930 (“SARA – BRASIL”) podemos verificar uma variação de tamanhos e taxas de ocupação dos lotes. Nas proximidades da Rua Conde de Sarzedas, podemos localizar uma ocupação nos interiores das quadras vindas de galpões industriais e vilas. E na Rua São Joaquim e na Avenida Liberdade encontramos lotes maiores com recuos, que se conclui que foram ocupadas por uma classe social de maior poder aquisitivo.

Os traços definitivos do Bairro que se mantém atualmente se estruturaram

em meados de 1970 pelas grandes transformações: os alargamentos da Avenida da Liberdade e da Rua Vergueiro, a abertura das Avenidas 23 de Maio e Radial Leste-Oeste e a construção da linha metroviária Norte-Sul. A abertura da Avenida da Radial Leste – Oeste colocou fim a uma faixa considerável de tecido urbano, derrubando inúmeras edificações incluindo o Teatro São Paulo, além de dividir a continuidade do bairro. As transformações foram acompanhadas de uma verticalização acentuada, as novas construções ocupam inteiramente os lotes não deixando recuos, o que causou um impacto para a paisagem da região. Um das conseqüências resultantes da abertura da Avenida 23 de Maio foi o cenário de abandono dos fundos de lote que fazem frente para a grande avenida.



**Figura 12 – Avenida da Liberdade, obras do viaduto Jaceguai.**

Fonte: Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diégoli, coord.; ET AL.–São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1987.



**Figura 13 – Rua Conselheiro Furtado, obras da Radial Leste - Oeste, 1972.**

Fonte: Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diégoli, coord.; ET AL.–São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1987.

Atualmente nas proximidades da Praça da Liberdade, local de maior movimento, o uso do solo é bastante diverso: habitação, comércios, igrejas, escritórios, escolas, consultórios, estacionamentos, hotéis, restaurantes e bancos.

## ESTRUTURAÇÃO DA MALHA URBANA



1877



1881



1890



1895



1897



1913



1926



1930



1951

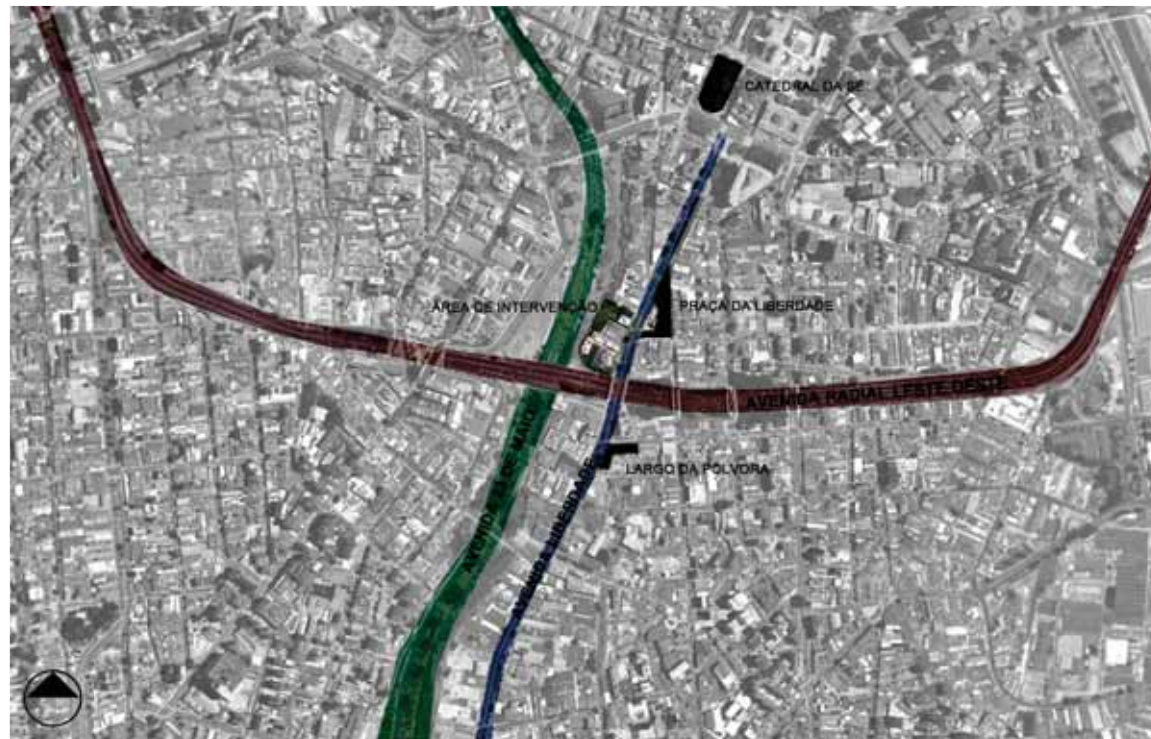


2009



## 3.2 AVENIDAS

Algumas avenidas e ruas foram fundamentais para o desenvolvimento do bairro e, focando a área de estudo deste trabalho podemos citar: a Avenida de Liberdade, a Avenida 23 de Maio e a Radial Leste – Oeste.



**Figura 14 – Localização da Área de Intervenção e seu contexto.**  
Fonte: Google Earth (modificado). Disponível em: 4 de Outubro de 2009.

### 3.2.1 Avenida da Liberdade

Até o final do século XIX, a Rua da Liberdade - como era nomeada na época - não ultrapassava o Largo da Pólvora e era rara a presença de comércios no local e ela ainda se destacava pela sua arborização. No início do século XX, a Rua da Liberdade era estreita e sua calçada era de paralelepípedos.

Grandes casarões fazem parte da ocupação da avenida, que indicam ter vindo de famílias com alto poder aquisitivo pelos grandes lotes, tanto na fachada como em profundidade, onde hoje seus usos são de escolas e hospitais. Em meados de 1930, houve uma grande verticalização na área, as novas construções ocuparam quase que integralmente os lotes, tornando a paisagem mais agressiva.



**Figura 15 – Avenida da Liberdade, Casa Portugal. 1984.**

Fonte: Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diêgoli, coord.; ET AL. – São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1987.



**Figura 16 – Rua da Liberdade, Fotografia tirada próxima ao Largo 7 de Setembro. 1942.**

Fonte: Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diêgoli, coord.; ET AL. – São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1987.

Devido a implantação da Avenida Radial Leste - Oeste cortando a avenida da Liberdade, foi construído o viaduto Guilherme de Almeida que com sucesso manteve o fluxo original.

Atualmente, a via abriga duas estações de metrô: São Joaquim e Liberdade, onde passam aproximadamente sessenta mil passageiros por dia.



**Figura 16 – Congestionamento na Avenida 23 de Maio. 2008.**

Fonte: Revista Isto É. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2015/imprime92706.htm>. Acessado em: 19 de Outubro de 2009.

### 3.2.2 Avenida Vinte e Três de Maio

A avenida 23 de Maio é uma via expressa que foi construída sobre o córrego do Itooró na década de 60. Ela é o principal corredor norte-sul e frequentemente é nesta via onde ocorre grandes congestionamentos da cidade de São Paulo.



**Figura 17 – Viaduto Guilherme de Almeida, Metrô Liberdade e Radial Leste Oeste. (modificado)**

Fonte: Casa da Imagem. Disponível em: <http://www.museudacidade.sp.gov.br/imagem-imagens3.php?fot=&anoi=&anofim=&mesini=0&mesfim=12&mostrar=s&palavra=&quantreg=886&idImg=865>. Acessado em: 23 de Outubro de 2009.

### 3.2.3. Avenida Radial Leste - Oeste

Importante eixo de ligação Leste-Oeste da cidade, esta via não só cortou o bairro da Liberdade mas como os bairros do Glicério e Bela Vista. Com a passagem da avenida o Teatro São Paulo foi demolido, restando a Praça Almeida Junior, antigo Largo do Teatro.

## 3.3 PRAÇAS

### 3.3.1 Praça da Liberdade

Há uma distância de aproximadamente 1 km de distância do Marco Zero de São Paulo, a Praça da Liberdade é o centro do bairro onde convergem as atividades comerciais e culturais asiáticas. Seu nome original era Largo da Forca, que só teve seu nome trocado com o fim da pena de morte no Brasil em 1891.

Mesmo antes dessa época, já havia um movimento de feiras de madeira semanais na praça da qual não suportava o grande número de carros, conforme o vereador Leandro de Toledo em 1863.

O desenho das ruas e quadras junto com a avenida da Liberdade resultam em formatos triangulares, e uma delas é a Praça da Liberdade com uma área de aproximadamente 3.000 metros quadrados. E é na Praça onde duas principais ruas (dos Estudantes e da Glória) do bairro se encontram. Assim, mesmo que ela esteja afastada do centro geométrico do bairro, funciona como o centro e símbolo da Liberdade.

A partir da instalação da Estação do Metrô Liberdade em 1975, houve um grande progresso na região.

As bordas da praça são 100% acessíveis, são grandes calçadas livres diferentemente da região central onde o acesso é feito por grandes escadarias separadas por muros e muretas. O acesso para deficientes físicos se dá através de elevadores.



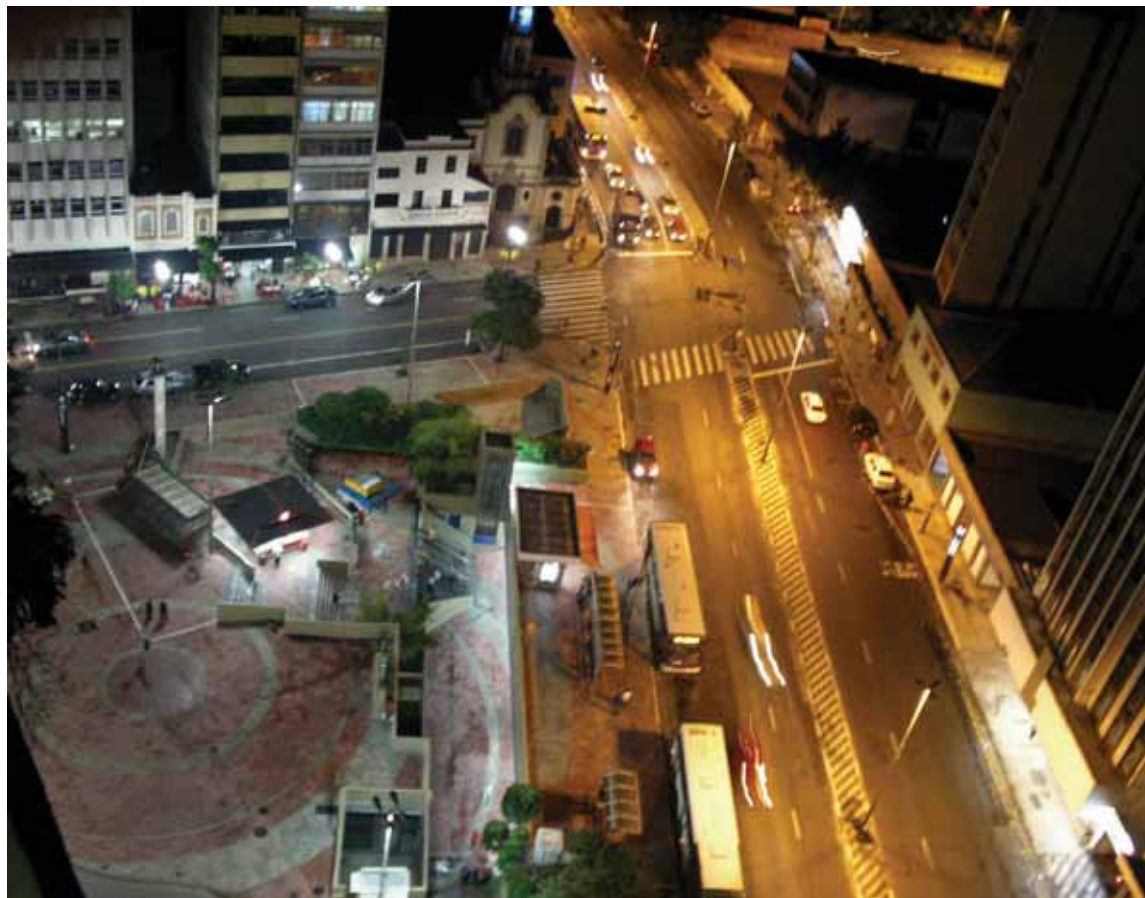
**Figura 18 – Avenida e Praça da Liberdade. 1984**

Fonte: Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diégoli, coord.; ET AL. – São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1987.



A praça tem usos diversificados: ponto de ônibus, bancas de jornais, bancos de descanso e canteiros.

Sun Alex, em seu livro Projeto da Praça, destaca algumas não conformidades da praça: "... dificuldades de orientação e acesso à estação e a criação de um recanto escondido e sinistro, sempre sujo e evitado."



**Figura 19 – Praça da Liberdade, 2009.**

Fonte: Camies. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/pipocamolhada/3318273534/>. Acessado em: 19 de Outubro de 2009.

### 3.3.2 Largo da Pólvora

No local do Largo havia a Casa da Pólvora que foi construída em 1754 e devido sua importância para o local do atual bairro da Liberdade era conhecido como o Bairro da Pólvora. Em 1872, para a abertura da Rua Américo de Campos, a prefeitura demoliu a Casa da Pólvora que já estava desativada dando lugar ao Largo. Durante a comemoração do septuagésimo aniversário da imigração japonesa no Brasil, o prefeito Engenheiro Olavo Setubal reinaugurou em 1978 o Largo da Pólvora em homenagem a colônia japonesa.

O Largo não possui acesso livre, há grades de ferro ao redor e a entrada é feita por um portão que na maior parte do dia encontra-se fechado. Assim, as pessoas que ali passam não tem nenhuma vivência com o local, apenas os moradores do edifício vizinho que pode ter uma vista do local. O Largo é um dos poucos pontos de área verde na região e infelizmente se encontra numa situação de descaso e abandono.



**Figura 20 – Largo da Pólvora. 2009.**

Fonte: SARAGIOTTO, Chico. Disponível em: <http://static.panoramio.com/photos/original/6861905.jpg>. Acessado em: 30 de Outubro de 2009.

## 4 O IMIGRANTE JAPONÊS

### 4.1 A DESILUSÃO

Em 18 de Junho de 1908, desembarcaram no porto de Santos, os primeiros imigrantes japoneses no Brasil. A bordo do navio Kasato Maru vieram 165 famílias (781 pessoas) com a esperança de melhores condições de vida.

O Japão, nesta época, estava com sérios problemas financeiros. Milhares de pequenos camponeses perderam suas fazendas devido ao alto imposto cobrado pelo governo e outros devido a mecanização do campo, levando-os a migrarem para a cidade em busca de oportunidades. Por causa dessa intensa migração, os empregos ficaram cada vez mais escassos e a maioria da população começou a viver na pobreza. Com isso, a governo japonês começou a incentivar a emigração da população para outros países com o intuito de amenizar a crise econômica.

Neste mesmo período no Brasil, devido a necessidade de mão-de-obra na zona rural, principalmente nas fazendas cafeeiras (principal produto brasileiro na época), causado em parte pela abolição da escravatura em 1888 e posterior escassez de imigrantes europeus, levou o governo brasileiro a abrir as portas para a entrada de imigrantes asiáticos, considerados na época uma raça inferior.

No início da imigração, as dificuldades de adaptação pareceram infinitas. As diferenças nos costumes, na língua, no clima, na alimentação e até mesmo



Figura 21 – Cartaz para atrair os imigrantes. Sem data

Fonte: Imigração japonesa no Brasil. Disponível em: < [http://www.tiosam.com/enciclopedia/?q=Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_japonesa\\_no\\_Brasil](http://www.tiosam.com/enciclopedia/?q=Imigra%C3%A7%C3%A3o_japonesa_no_Brasil)>. Acessado em 3 de Outubro de 2009.

tipo físico (pele amarela, olhos puxados e estatura baixa) foram grandes barreiras que fizeram com que a maioria dos primeiros imigrantes decidiram voltar para a terra natal. Com esta meta de retorno ao Japão, o interesse em conhecer sobre a cultura brasileira e a língua portuguesa não existiu.

Porém, a promessa do dinheiro fácil no Brasil não era realidade, para que eles pudessem pagar a passagem ao Japão, eles necessitariam trabalhar durante décadas no campo. Por este motivo, muitas famílias fugiram para grandes cidades em busca de novas oportunidades, como é o caso da cidade de São Paulo.

Os imigrantes japoneses procuraram diversos recursos para amenizar as dificuldades, era comum encontros aos sábados de diversas famílias japonesas para conversar sobre as dificuldades comuns e até mesmo organizar eventos típicos japoneses como, por exemplo, o “undokai” (gincana esportiva) e o “bon odorí” (celebração dos espíritos).



**Figura 22 – Trabalhadores japoneses na plantação de café**

Fonte: Imigração japonesa no Brasil. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Japanese\\_Workers\\_in\\_Coffee\\_Plantation.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Japanese_Workers_in_Coffee_Plantation.jpg)>. Acessado em 23 de Outubro de 2009.

## 4.2. PÓS-GUERRA

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a situação dos imigrantes japoneses foram desfavoráveis com a entrada do Brasil contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Nesta época, houve a proibição do ensino da língua japonesa e manifestações culturais nipônicas por serem consideradas criminosas.

Com o fim da Segunda Guerra, ficou clara a divisão de dois grupos: os

“esclarecidos” e os “fanáticos”. O primeiro grupo era formado daqueles que aceitaram a rendição do Japão e iniciaram planos de uma vida duradoura no Brasil. Contrariamente, os “fanáticos” formaram grupos (sendo o mais famoso: a Shindo Renmei) no intuito de divulgar falsas informações sobre a guerra, distribuíram folhetos dizendo que o Japão havia ganhado a Guerra. O motivo que levaram os fanáticos a agirem desta forma era o extremo orgulho pelo país. Além disso, este grupo entrou em conflito com os “esclarecidos”, chegando a causar mortes, principalmente no interior paulista.



## 5 LIBERDADE - BAIRRO ORIENTAL

Os elementos da cultura japonesa se apresentam na arquitetura das ruas, calçadas, jardins e prédios comerciais estão presentes de forma expressiva no bairro da Liberdade. Na famosa Rua Galvão Bueno se encontra um grande portal vermelho com nove metros de altura na entrada do bairro, chamado pelos japoneses de Torii. De acordo com a Aliança Cultural Brasil-Japão, o Torii “foi criado para ser originalmente apenas um simples portão das antigas cercas do santuário”. Quando as cercas foram retiradas, o Torii permaneceu para designar a entrada de um lugar sagrado e afastar os maus espíritos.



**Figura 23 – Tanabata Matsuri**

Fonte: J.A. Galvez C. Imigração japonesa no Brasil. Disponível em: <<http://www.pbase.com/capercaillie/image/81865794>>. Acessado em 30 de Maio de 2009.



**Figura 24 – Calçada no Bairro da Liberdade**

Fonte: SANTOS, Priscila. O Guia Verde. Disponível em: <<http://www.oguiaverde.com/?p=1015>>. Acessado em 15 de Maio de 2009.

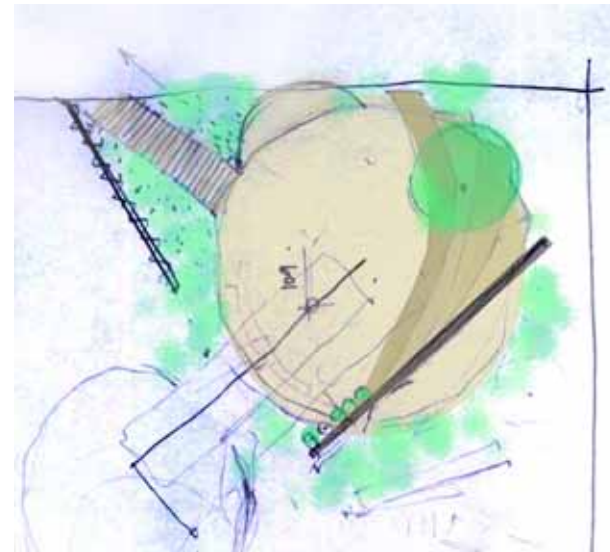
Seguindo a Rua Galvão Bueno, observa-se nas calçadas um desenho que gera controvérsias: uns dizem que são desenhos de flores de cerejeiras e há aqueles que afirmam ser a representação de um tambor de taiko. A Secretaria de Turismo da Prefeitura promoveu, em 1969, um concurso de desenho para a calçada do Bairro, e o vencedor foi um desenho de um dragão chinês, que visava caracterizar o bairro com características chinesas como a “Chinatown” nos Estados Unidos. Porém, não foi esta a obra executada.

Continuando na Rua Galvão Bueno, há o Jardim Japonês que conta diversas plantas japonesas (entre elas o bonsai – árvore cultivada em vaso), onde as pessoas encontram tranquilidade e harmonia dentro do agito das multidões de visitantes e feirantes.

Aos arredores do bairro observam-se as típicas luminárias orientais (suzuranto), “uma menção à flor japonesa suzuran”, que decoram e dão charme as estreitas ruas e que foram primeiramente instaladas em algumas vias da Liberdade na década de 70 e depois disseminadas e substituídas pela Prefeitura por materiais mais resistentes.

PARTE II

PROPOSTA





# 1 ESTUDOS

## 1.1 ÁREA

A definição da área de intervenção, desde o princípio, esteve associada a cultura nipo-brasileira no Bairro da Liberdade, porém delimitar a área não foi um processo imediato. Primeiramente, foi constatada um grande vazio com uso de estacionamento numa área altamente adensada. Depois, a partir desta área foram feitos estudos do contexto urbano, do fluxo de pedestres, da necessidade de estacionamentos e da proximidade com a Praça da Liberdade. Assim, foi determinada a área de intervenção.



Vista da área projetual  
( estacionamento e lojas )



Vista da área projetual  
( agência de turismo  
e saída do metrô )





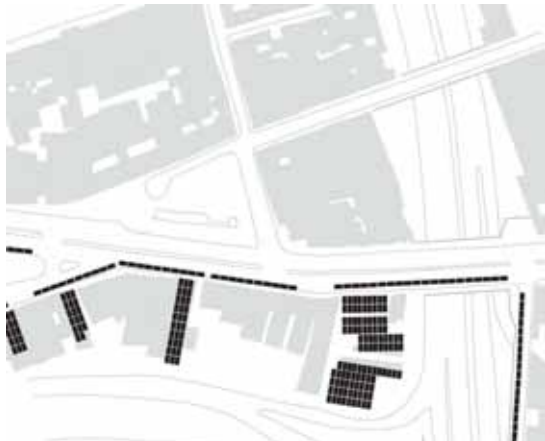
Primeira delimitação da área de intervenção



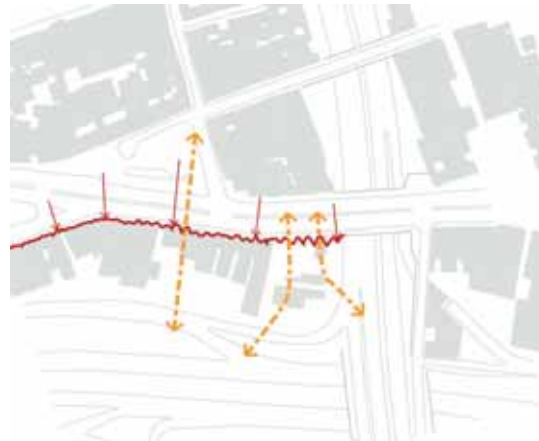
Ocupação do solo do entorno



Os corredores verdes margeiam as avenidas 23 de Maio e Radial Leste-Oeste



Áreas de estacionamento

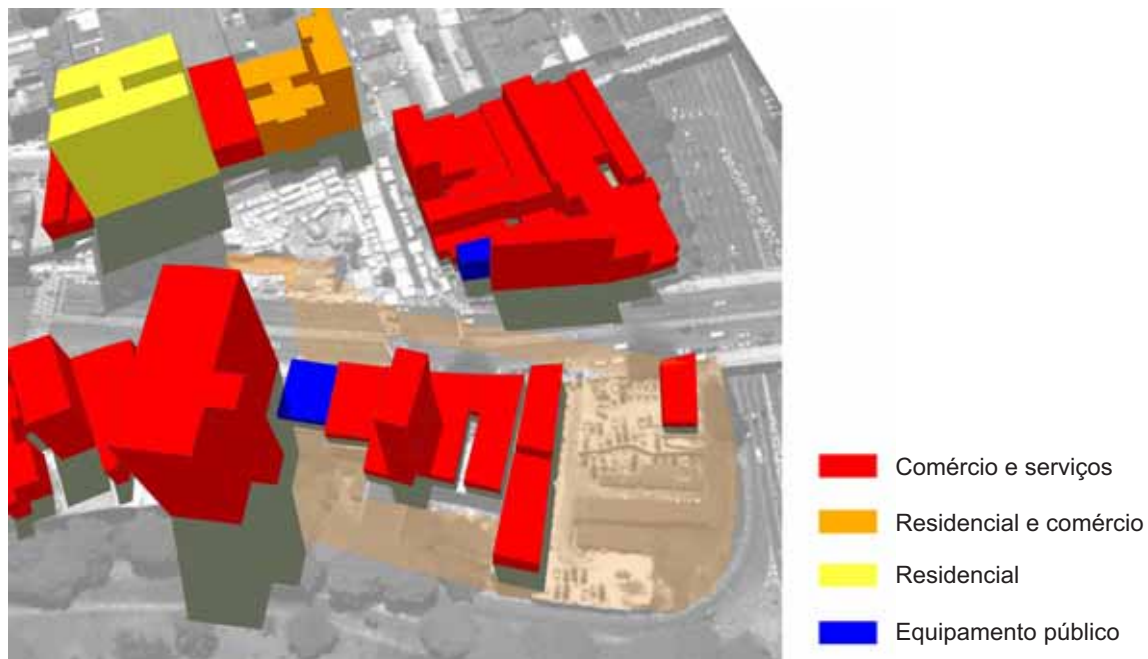


Barreiras físicas e visuais para o fundo de vale (Av. 23 de Maio) e propostas de aberturas



Definição final da área de intervenção

## Imagem com o uso do solo e o gabarito dos arredores



A área delimitada consiste em seis lotes onde há atualmente: uma saída do metrô da Liberdade, uma agência de turismo, duas lojas de importados, uma grande área de estacionamento e os fundos sub-utilizados de quatro lotes.

No local do estacionamento havia um casarão de mais de cem anos que foi demolido após um incêndio que houve no local em Dezembro de 2006. A recuperação do imóvel foi descartada e uma das propostas é incentivar o aproveitamento da área conforme dados vindos do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo.



# IMPLANTAÇÃO



- 1- Acesso pedestres
- 2- Acesso estacionamento
- 3- Área de descanso
- 4- Acesso Metrô Liberdade
- 5- Edifício Multiuso

**NÍVEL 756,00**

Saída Avenida Radial Leste-Oeste



- 1- Acesso estacionamento
- 2- Acesso elevadores
- 3- Casa de máquinas
- 4- Depósito

**NÍVEL 759,00**  
Metrô Liberdade



- 1- Acesso pela Praça da Liberdade
- 2- Acesso para plataforma do metrô
- 3- Bilheteria
- 4- Sanitários
- 5- Lojas
- 6- Cafeteria
- 7- Estacionamento
- 8- Acesso elevadores

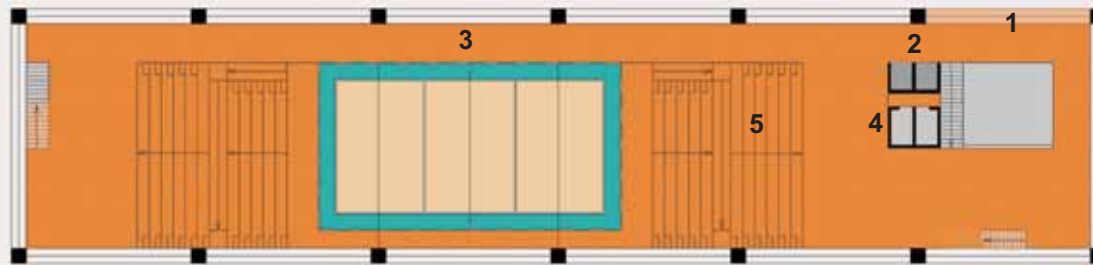


**NÍVEL 763,00**  
Avenida da Liberdade



- 1- Acesso estacionamento
- 2- Acesso Metrô Liberdade
- 3- Jardim das Pedras
- 4- Área permeável
- 5- Arquibancada de estar
- 6- Mirante

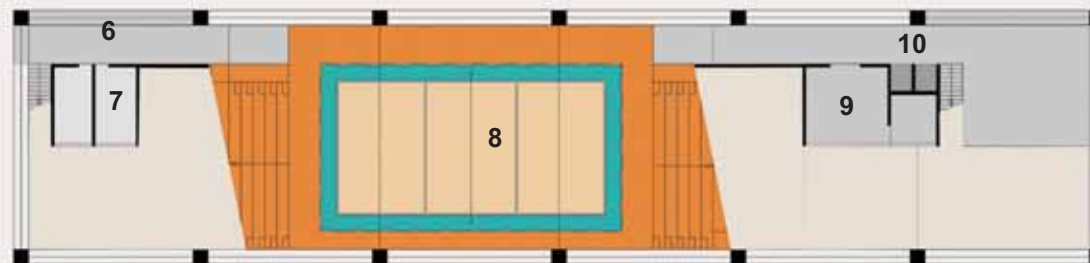
## Espaço Multifuncional



- 1- Acesso
- 2- Elevadores
- 3- Vista para a quadra
- 4- Sanitários
- 5- Arquibancada

### NÍVEL 768,5

Arquibancada e Estar



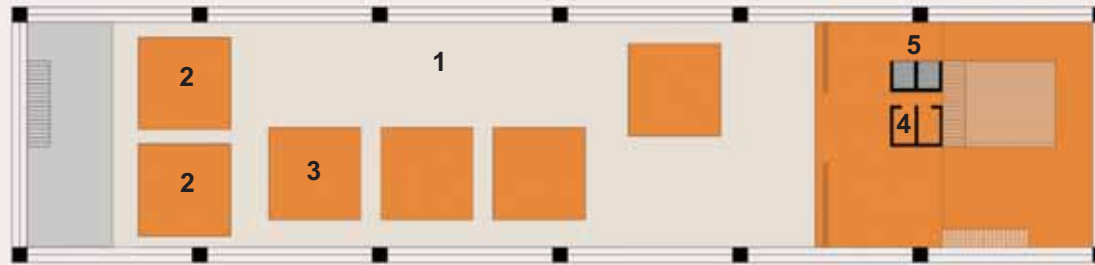
- 6- Acesso
- 7- Vestiário
- 8- Quadra Poliesportiva
- 9- Sala de Jogos
- 10- Elevadores

### NÍVEL 765,5

Quadra Poliesportiva / Eventos



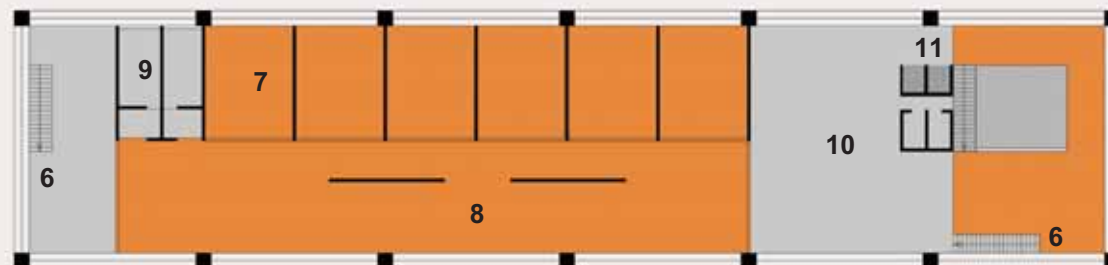
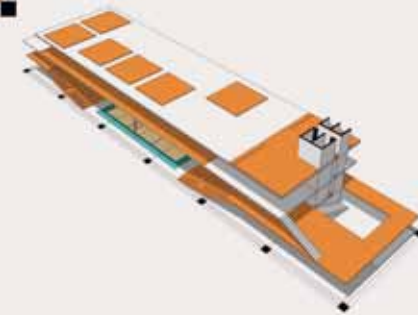
## Espaço Multifuncional



### NÍVEL 775,5

Áreas para cursos e descanso

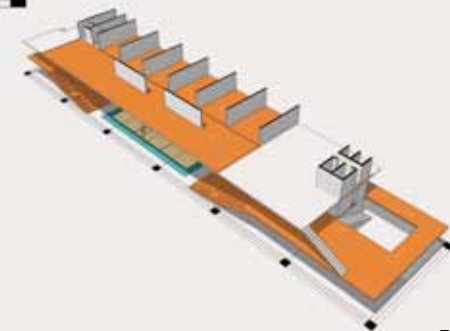
- 1- Jardim
- 2- Sala do Chá
- 3- Salas multifuncionais
- 4- Sanitários
- 5- Elevadores

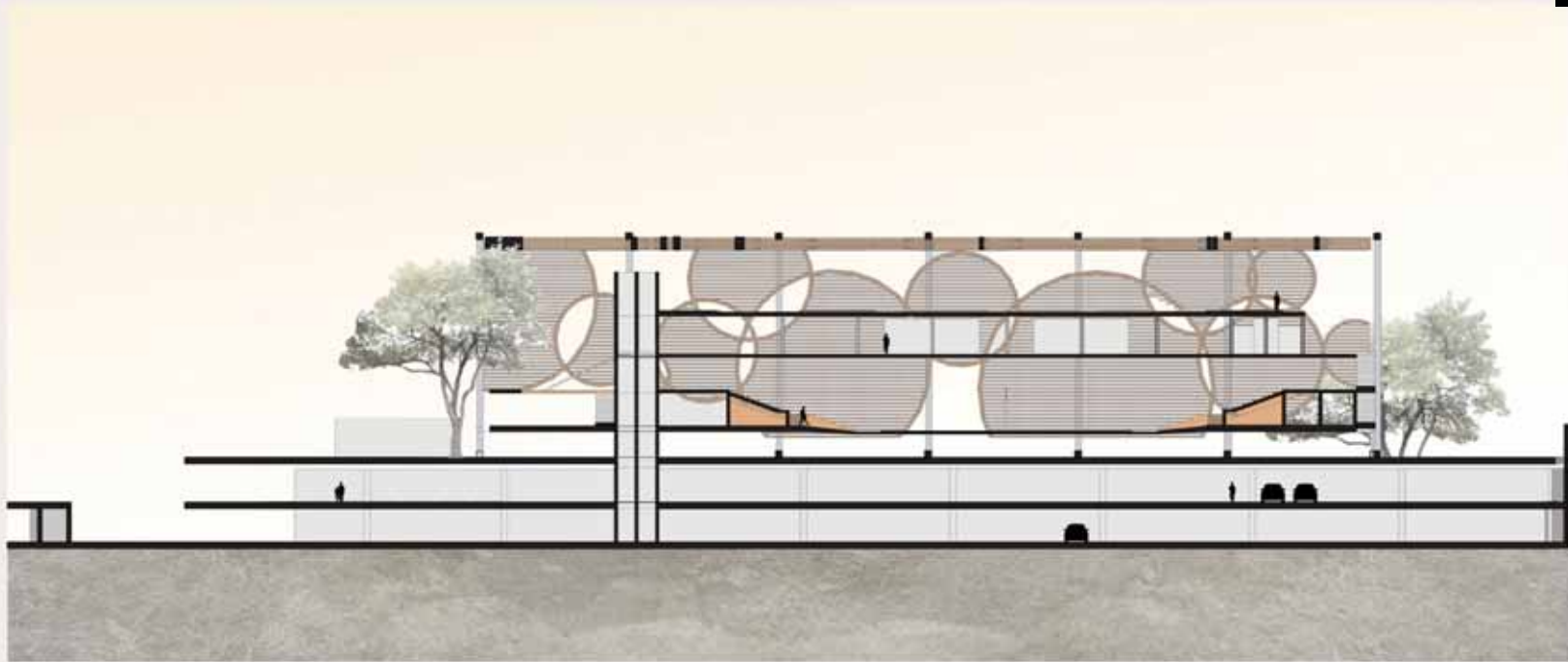


### NÍVEL 772.00

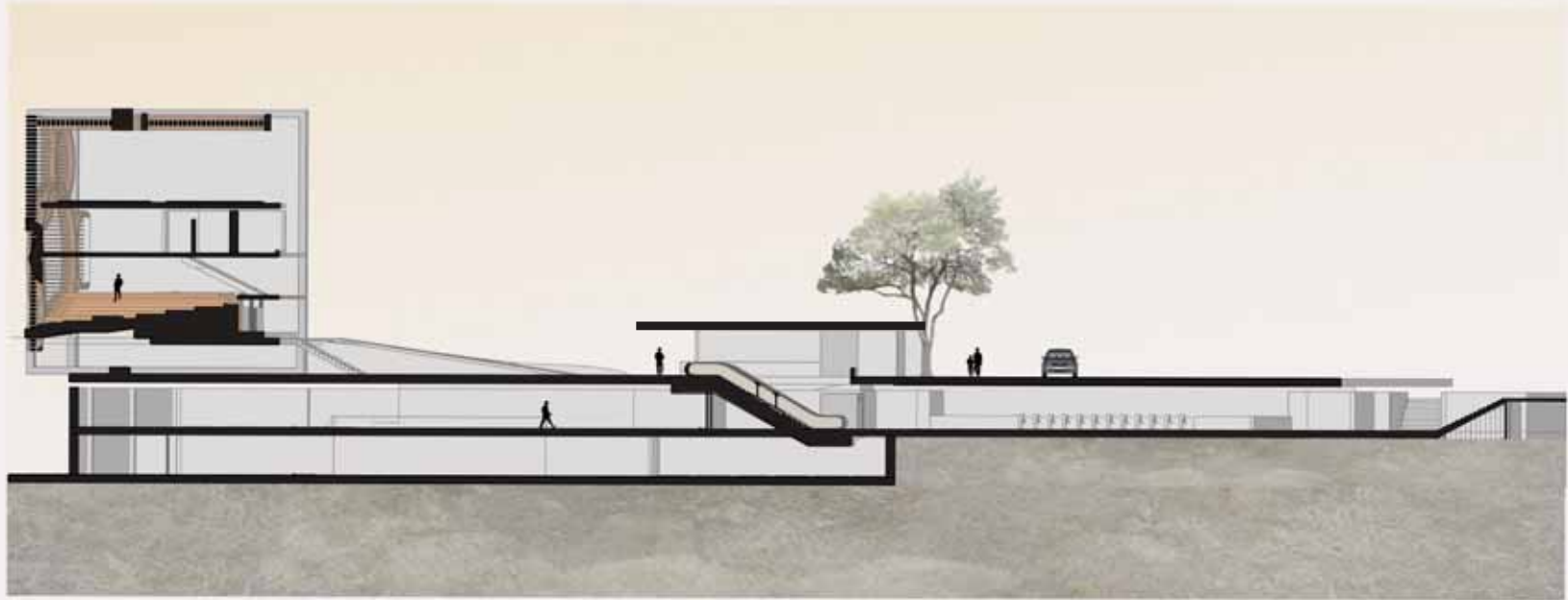
Salas e Biblioteca

- 6- Acesso
- 7- Salas de Aula
- 8- Biblioteca
- 9- Sanitários
- 10- Secretaria
- 11- Elevadores

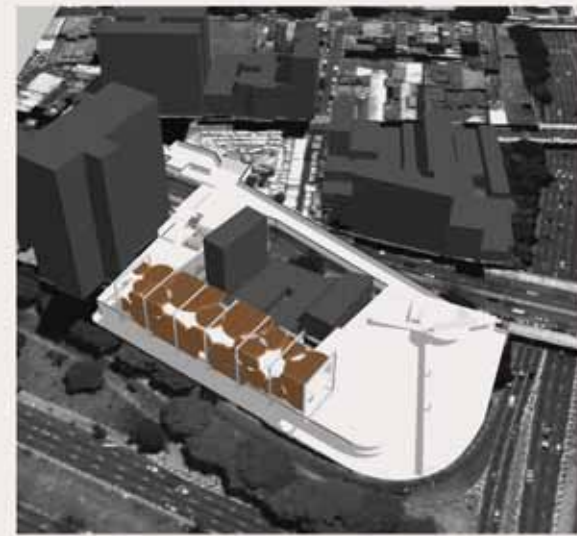
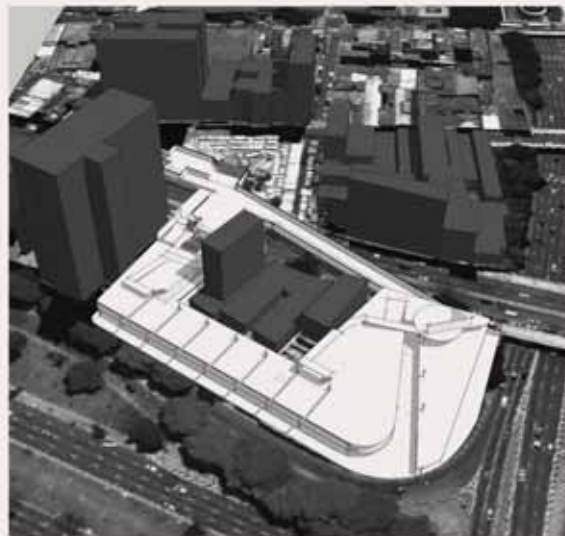
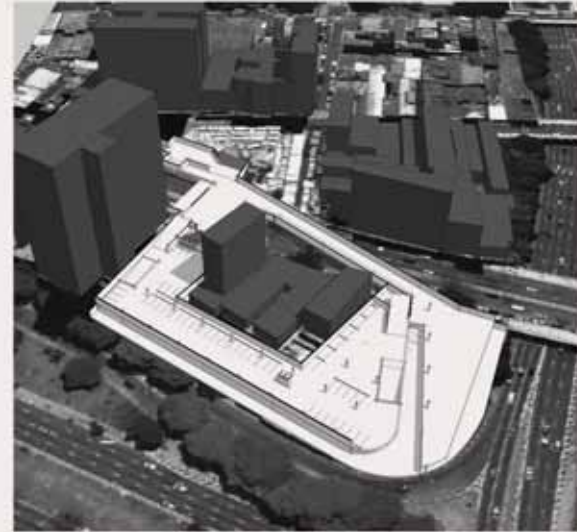
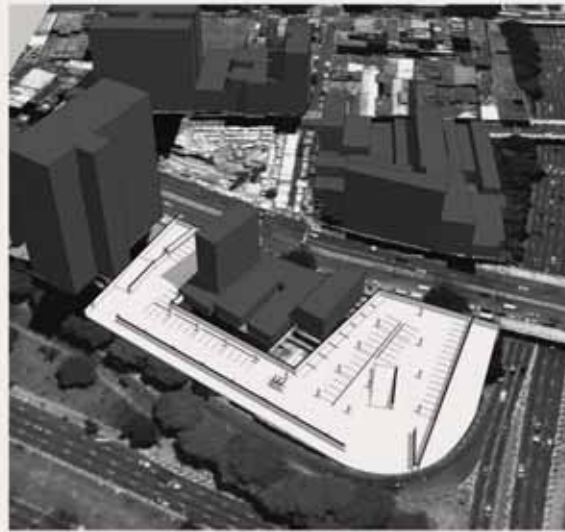




CORTE TRANSVERSAL



**CORTE LONGITUDINAL**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS



A intervenção em áreas subutilizadas no Bairro da Liberdade possibilita um questionamento sobre o desenho das quadras ali existentes, buscando um melhor aproveitamento, não somente em área construída mas na qualidade do desenho da cidade. Além disso, a proposta não se separa em nenhum momento dos valores históricos do bairro e do imigrante japonês.

O conceito do edifício multiuso segue o ritmo e as necessidades da região, com possibilidades de gerar pequenos e grandes eventos em áreas cobertas e descobertas.


As arquibancadas, o mirante geram momentos de pausa que se mesclam com a natureza proporcionando “áreas de respiro” numa região tão agitada que é centro da cidade de São Paulo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. NEIVA, Simone Loures Gonçalves; RIGHI, Roberto. A cultura e o espaço urbano no Japão. Texto especial 482 – agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp482.asp>>. Acesso em 19 de março de 2009.
2. GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. História dos bairros de São Paulo – Liberdade. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura. 1979.
3. MORAIS, Fernando. Corações Sujos – A História da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia da Letras. 2000.
4. CODDOU, Flavio. A pequena metrópole Tóquio. Arquitetismo, nº 23/24 – janeiro / fevereiro de 2009. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arquitetismo/arqtur\\_23/arqtur23\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitetismo/arqtur_23/arqtur23_02.asp)>. Acesso em 26 de março de 2009.
5. BALLOUSSIER, Anna Virginia. Quais as maiores comunidades japonesas no mundo? Superinteressante, 01/05/2008. Disponível em: <<http://www.japao100.com.br/arquivo/quais-maiores-comunidades-japonesas-do-mundo/>>. Acesso em 27 de março de 2009.
6. PASSOS, Maria Lúcia Perrone; EMÍDIO, Teresa. Desenhando São Paulo – Mapas e Literatura – 1877-1954. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2009.
7. O ESTADO DE SÃO PAULO DIGITAL. Casarão que desabou na Liberdade é atingido por incêndio, 23/12/2006. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20061223p32785.htm>>. Acesso em 01 de abril de 2009.
8. O GLOBO – Diário de São Paulo. Casarão que desabou na Liberdade era tombado, 17/12/2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2006/12/17/287089704.asp>>. Acesso em 09 de abril de 2009.
9. LIBERDADE – O melhor do bairro. (fonte texto: Wikipedia.org, imagem: São Paulo minha cidade.) Disponível em: <<http://www.omelhordobairro.com.br/liberdade/>>. Acesso em 10 de abril de 2009.

10. SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diégoli, coord.; ET AL. – São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico 1987.

11. UCHINAKA, Fabiana. Moradores, comerciantes e urbanistas criticam mudanças no Bairro da Liberdade – UOL Notícias em São Paulo, 05/04/2009. Disponível em:  <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/04/05/ult5772u3487.jhtm>> . Acesso em 22 de abril de 2009.

12. PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO – 2005-2008. Mapas. Disponível em: <<http://www.fotoplus.com/dph/info20/i-1877.htm>>. Acesso em 18 de Maio de 2009.

13. ALEX, Sun. Projeto da Praça – Convívio e Exclusão no Espaço Público. Editora Senac São Paulo. 2008.

**Sheila Cristina Kajiwara**

shekajiwara@yahoo.com.br

2009